

POLÍCIA MILITAR
DO ESTADO DE GOIÁS

ANO LETIVO 2020

3º BIMESTRE

9º ano do Ens. Fundamental

Turma:

Turno:

Professora:

Data: 11/08/2020

Aluno (a):

Atividade 3 – avaliativa - Literatura



Escola de Civismo e Cidadania

Atividade avaliativa – para entregar por e-mail

Atividade Avaliativa de Literatura

O menino que escrevia versos

Mia Couto



De que vale ter voz
se só quando não falo é que me
entendem?
De que vale acordar
se o que vivo é menos do que o que
sonhei?

(Versos do menino que fazia versos)

- Ele escreve versos!

Apontou o filho, como se entregasse o criminoso na esquadra. O médico levantou os olhos, por cima das lentes, com o esforço de alpinista em topo de montanha.

- Há antecedentes na família?

- Desculpe doutor?

O médico destroçou-se em tintins. Dona Serafina respondeu que não. O pai da criança, mecânico de nascença e preguiçoso por destino, nunca espreitara uma página. Lia motores, interpretava chaparias. Tratava bem, nunca lhe batera, mas a doçura mais requintada que conseguira tinha sido em noite de núpcias:

- Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol.

Ela hoje até se comove com a comparação: perfume de igual qualidade qual outra mulher ousa sequer sonhar? Pobres que fossem esses dias, para ela, tinham sido lua-de-mel. Para ele, não fora senão período de rodagem. O filho fora confeccionado nesses namoros de unha suja, restos de combustível manchando o lençol. E oleosas confissões de amor.

Tudo corria sem mais, a oficina mal dava para o pão e para a escola do miúdo. Mas eis que começaram a aparecer, pelos recantos da casa, papéis rabiscados com versos. O filho confessou, sem pestanejo, a autoria do feito.

- São meus versos, sim.

O pai logo sentenciara: havia que tirar o miúdo da escola. Aquilo era coisa de estudos a mais, perigosos contágios, más companhias. Pois o rapaz, em vez de se lançar no esfrega-refrega com as meninas, se acabrunhava nas penumbras e, pior ainda, escrevia versos. O que se passava: mariquice intelectual? Ou carburador entupido, avarias dessas que a vida do homem se queda em ponto morto?

Dona Serafina defendeu o filho e os estudos. O pai, conformado, exigiu: então, ele que fosse examinado.

- O médico que faça revisão geral, parte mecânica, parte eléctrica.

Queria tudo. Que se afinasse o sangue, calibrasse os pulmões e, sobretudo, lhe espreitassem o nível do óleo na fígadeira. Houvesse que pagar por sobressalentes, não importava. O que urgia era pôr cobro àquela vergonha familiar.

Olhos baixos, o médico escutou tudo, sem deixar de escrevinhar num papel. Aviava já a receita para poupança de tempo. Com enfado, o clínico se dirigiu ao menino:

- Dói-te alguma coisa?
- Dói-me a vida, doutor.

O doutor suspendeu a escrita. A resposta, sem dúvida, o surpreendera. Já Dona Serafina aproveitava o momento: Está a ver, doutor? Está a ver? O médico voltou a erguer os olhos e a enfrentar o miúdo:

- E o que fazes quando te assaltam essas dores?
- O que melhor sei fazer, excelência.
- E o que é?
- É sonhar.

Serafina voltou à carga e desferiu uma chapada na nuca do filho. Não lembrava o que o pai lhe dissera sobre os sonhos? Que fosse sonhar longe! Mas o filho reagiu: longe, por quê? Perto, o sonho aleijaria alguém? O pai teria, sim, receio de sonho. E riu-se, acarinhando o braço da mãe.

O médico estranhou o miúdo. Custava a crer, visto a idade. Mas o moço, voz tímida, foi-se anunciando. Que ele, modéstia apartada, inventara sonhos desses que já nem há, só no antigamente, coisa de bradar à terra. Exemplificaria, para melhor crença. Mas nem chegou a começar. O doutor o interrompeu:

— Não tenho tempo, moço, isto aqui não é nenhuma clínica psiquiátrica.

A mãe, em desespero, pediu clemência. O doutor que desse ao menos uma vista de olhos pelo caderninho dos versos. A ver se ali catava o motivo de tão grave distúrbio. Contrafeito, o médico aceitou e guardou o manuscrito na gaveta. A mãe que viesse na próxima semana. E trouxesse o paciente.

Na semana seguinte, foram os últimos a ser atendidos. O médico, sisudo, taciturneou: o miúdo não teria, por acaso, mais versos? O menino não entendeu.

— Não continuas a escrever?

— Isto que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver. Tenho este pedaço de vida — disse, apontando um novo caderninho — quase a meio.

O médico chamou a mãe, à parte. Que aquilo era mais grave do que se poderia pensar. O menino carecia de internamento urgente.

— Não temos dinheiro — fungou a mãe entre soluços.

— Não importa — respondeu o doutor.

Que ele mesmo assumiria as despesas. E que seria ali mesmo, na sua clínica, que o menino seria sujeito a devido tratamento. E assim se procedeu.

Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Manhãs e tardes ele se senta num recanto do quarto onde está internado o menino. Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai lendo, verso a verso, o seu próprio coração. E o médico, abreviando silêncios:

— Não pare, meu filho. Continue lendo...

COUTO, Mia. O fio das missangas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.131-134

Responda as seguintes questões:

1. O fato que dá origem à história aparentemente poderia ser considerado "normal", "corriqueiro".

a) Que fato é esse?

b) Tal fato incomoda uma personagem, que reage a isso. Quem é ela? Qual é a reação dessa pessoa da história, ou seja, o que acontece com o menino?

2. Recorde as quatro personagens dessa história.

a) Quais são elas?

b) Uma dessas personagens está ausente nos momentos das consultas médicas. Qual?

c) Em sua opinião, o que explica essa ausência?

3. O fato de o garoto escrever versos preocupa o pai dele? Por quê?

4. Além de escrever versos, o menino também tem sonhos. Releia o seguinte trecho:

[...] Não lembrava o que o pai lhe dissera sobre os sonhos?

Que fosse sonhar longe! Mas o filho reagiu: longe, por quê?

Perto, o sonho alejaria alguém? O pai teria, sim, receio de sonho. E riu-se, acarinhando o braço da mãe.

a) Em sua opinião, por que o pai tem receio dos sonhos do menino?

b) Que relação poderia ser estabelecida entre "sonhar" e "fazer versos"? Explique, apoiando-se em elementos da história lida.

5. Após a visita ao médico, foi sugerido um tratamento para o menino.

a) Que tratamento era esse?

b) Explique de que forma o tratamento sugerido pelo médico "soluciona" o problema do menino.

6. Pode-se afirmar que o final da narrativa é surpreendente. Por quê?

7. De que maneira você acredita que as pessoas de sua convivência - familiares, amigos, vizinhos, conhecidos - acolheriam um garoto que gostasse de fazer versos? E você: o que acharia de um menino assim? Por quê